



Pintura de Charles Brooking, de 1744, retrata o navio Wager antes de naufragar. Divulgação

## Marinheiro só

Continuação da pág. C1

"Todos contamos nossas histórias editando e esculpindo a narrativa para que sejamos os heróis, e foi o que fizeram ali", afirma o escritor David Grann, em entrevista por vídeo. "Não é que mentiam na cara dura, mas direcionavam e destacavam certas partes para que ficassem melhor na fita".

Antes de continuar, é preciso mais contexto. O Wager que ali esteve não foi uma embarcação de guerra enviada pela Coroa do Reino Unido para pillar a frota espanhola, sua principal adversária naquele embate imperial do século 18. Só que a viagem era extremamente arriscada, envolvendo contornar o cabo Horn, no ponto mais ao sul da América, e surpreender o navio inimigo no Pacífico. A passagem que o barco precisava fazer era tão violenta que se ilustra por um ditado dos marinheiros da época — "abaixo de 45 graus de latitude, não há lei, abaixo de 50 graus, não há Deus".

Como o título do livro já adianta, a missão fracassou, e uma fração de seus tripulantes não viu a ilha, onde começa uma espécie de "O Senhor das Moscas" com adultos. Ainda que a sua obra não seja ficção, é o próprio Grann quem cita inspiração no clássico de William Golding — e conta que ele mesmo navegou para a ilha Wager, como o local passou a ser conhecido depois, ouvindo um audiolivro de "Moby Dick", de Herman Melville, outra de suas maiores influências narrativas. O Wager não se deu muito melhor que o trágico capitão Ahab. A embarcação saiu da Inglaterra em 1740 com 252 marinheiros e voltaram para lá duas dúzias de sobreviventes, anos depois completamente estropiados — entre eles um adolescente que se tornaria o do lorde Byron, um dos pais da poesia britânica.

Os detalhes do périplo são impressionantes demais para resumir aqui, mas os retornos da ainda precisaram encará

a rigidez de uma corte marcial à la dura no seu país. E é aí que aquelas histórias individuais se transformaram em história da nação, como diz Grann. "Um oficial diz que 'teve de proceder a atos extremos', quando ele simplesmente deu um tiro na cabeça de outro", conta o autor. "E o Império Britânico então decide, de forma similar, moldar ali sua própria história alternativa, seu conto mítico dos mares". Assim, crimes são varridos para baixo do tapete, vergonhas de oficiais são abafadas e, diante de nossos olhos, se realça uma narrativa heroica que simplesmente não estava lá — e que perdurou por séculos no imaginário britânico.

"E eu voltava para casa depois da minha pesquisa e também havia batalhas sobre a nossa história, sobre quais livros seriam ensinados nas escolas", diz o autor, que trabalhou neste livro, que frequentou as listas dos melhores de 2023, durante o fim do governo Donald Trump e os três primeiros anos de Joe Biden.

"Então senti que havia ecos na modernidade e que podíamos aprender muito ali sobre a natureza humana, o imperialismo, os sistemas de classe". No meio da entrevista, o jornalista de carreira na revista New Yorker lembra algo que aconteceu com outra obra sua — uma que ficou bem mais conhecida por mérito de Martin Scorsese, Leonardo DiCaprio e Lily Gladstone. "Ta-lembrar que havia pessoas com medo de ensinar 'Assassinos da Lua das Flores', meu livro anterior, porque ele lidava com pecados mais sombrios do nosso passado".

Grann parece ter se especializado, e aí se inclina também seu amálgama "Z - A Cidade Perdida", em tramas que contam os processos de colonização como eles de fato aconteceram — não como foram escritos para a posteridade. "Assassinos da Lua das Flores" deixou claro o papel de brancos americanos na expro

priação e assassinato de quase toda uma comunidade indígena enriquecida com o petróleo descoberto na região.

E "Os Naufrágios do Wager" mostra como as grandes explorações muitas vezes foram realizadas por homens perdidos, violentos, que tinham valores negociáveis. E é didático ao revelar como conquistas inscritas nos livros com frequência foram ocasionais, fruto de sorte — mas seu registro nas calendas, esse sim, foi muito proposital. E o mesmo vale para os esquecimentos.

"Às vezes as histórias não podem ser contadas porque não houve registros ou porque eles foram 'perdidos', diz um autor que, em suas palavras, trabalhou mais tempo pesquisando sobre esse caso do que seus personagens levaram vivendo a história na ilha deserta. "Mas às vezes você não consegue contar uma história por razões sistêmicas". O mais chamativo exemplo é o de John Duck, um homem negro livre que integrava a tripulação do Wager. Desde o começo do livro, Grann atesta que Duck era quem tinha mais a arriscar na viagem — afinal, se aportassem sem querer num país escravocrata, ele sofriria um sério risco de ser sequestrado e vendido. Não se sabe que fim ele teve.

Tosse silêncio, em si, conta uma história", aponta Grann. "Antes, na minha carreira como escritor, eu sentia que se não tinha material suficiente para contar uma história, simplesmente não a escrevia. Mas nesse livro eu passei a notar que, se não pude contar uma história, às vezes, você tem que ressaltar o silêncio". "Confirmei: fiquei mais velho", afirma, num tom entre o solene e o dolorido, "passar a ficar bem mais assombrado por aquelas histórias que não podem ser contadas".

Os Naufrágios do Wager

Autor: David Grann. Tradução: Pedro Paulo Soares. Ed.: Companhia das Letras. R\$ 89,90 (408 págs.), R\$ 44,90 (pocket)

FRONTEIRAS<sup>24</sup>

DO PENSAMENTO

← Ideias inspiradoras para um mundo em evolução

A PSIQUIATRA DE STANFORD QUE DENUNCIOU A NAÇÃO DOPAMINA.

ANNA LEMBKE

> 16/08

+ 5 ENCONTROS IMPERDÍVEIS:

De maio a outubro, no Teatro RSC

Stuart RUSSELL ▶ 02/05

Muriel BARBERI ▶ 03/06

Nouriel ROUBINI ▶ 05/08

Yascha MOUNK ▶ 08/07

Simon S. MONTEFIORE ▶ 28/18

PRIO

Unimed RJ

gpc

Mackenzie

45% desconto

até 10/05

Os Naufrágios do Wager

Autor: David Grann. Tradução: Pedro Paulo Soares. Ed.: Companhia das Letras. R\$ 89,90 (408 págs.), R\$ 44,90 (pocket)